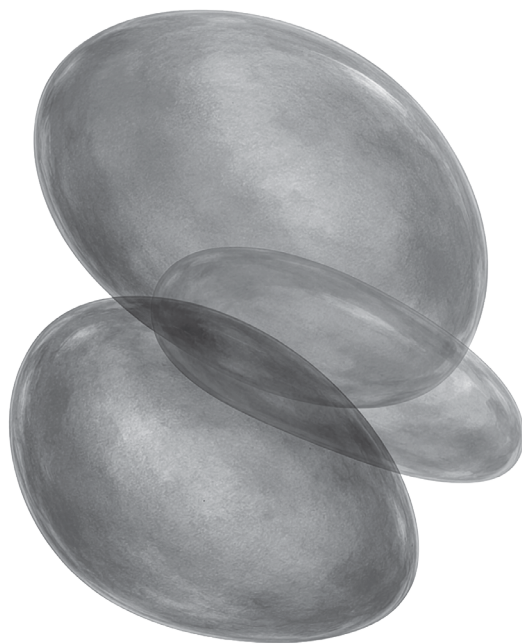


Os sujeitos da psicanálise



Thomas H. Ogden

TRADUÇÃO
Claudia Berliner

PREFÁCIO
L. Bryce Boyer

ARTES & ECOS  Porto Alegre • Artes & Ecos, 2026

Copyright © Thomas H. Ogden 1994

*This translation of Subjects of Analysis is published by arrangement with
Bloomsbury Publishing Inc.*

© desta edição em língua portuguesa: Artes & Ecos, 2026

EDITOR Lucas Krüger

TRADUÇÃO Claudia Berliner

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Luísa Zardo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O34s

Ogden, Thomas H.

Os sujeitos da psicanálise / Thomas H. Ogden. –

Porto Alegre: Artes & Ecos, 2026.

216 p.; 14 X 21 cm

ISBN 978-65-87457-58-1

1. Psicanálise.

CDU 150.195

Catalogação na publicação elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos

— CRB-8/9166

ARTES & ECOS 

Artes & Ecos

contato@arteseecos.com.br

www.arteseecos.com.br

SUMÁRIO

NOTA EDITORIAL – Lucas Krüger	9
NOTAS SOBRE A TRADUÇÃO – Claudia Berliner	11
PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA – L. Bryce Boyer	13
1 Tornar-se um sujeito	19
2 O sujeito freudiano	29
3 Para uma concepção intersubjetiva do sujeito: a contribuição kleiniana	47
4 O sujeito intersubjetivo de Winnicott	63
5 O terceiro analítico: trabalhando com fatos clínicos intersubjetivos	75
6 Identificação projetiva e o terceiro subjugador	109
7 O conceito de ação interpretativa	119
8 Analisando a matriz da transferência-contratransferência	145
9 Isolamento pessoal: o colapso da subjetividade e da intersubjetividade	171
10 Questões de teoria e prática analíticas	187
BIBLIOGRAFIA	206

NOTA EDITORIAL

Lucas Krüger¹

É importante agradecer a Claudia Berliner pela cedência de sua tradução (aqui revisada e adequada ao último Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa), realizada ainda na década de 1990 para a publicação de *Os sujeitos da psicanálise*, pela Casa do Psicólogo (1996), assim como à Hogrefe, hoje detentora dos direitos editoriais do catálogo da antiga Casa do Psicólogo, pela liberação da tradução.

Agradeço também a Thomas Ogden pela sempre afetiva troca de e-mails sobre psicanálise e escrita e por seu entusiasmo com esta e outras publicações de suas obras que estamos realizando.

Decidimos utilizar o prefácio de L. Bryce Boyer, escrito ainda para a edição brasileira de 1996 deste livro, original-

1 **Lucas Krüger** é psicanalista, membro do GBPSF (Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi) e membro efetivo da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. É Autor do livro *Por que o divã? Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise* (2023), publicado em língua inglesa pela editora Routledge (London/New York, 2026), organizador do livro *Interlocuções na fronteira entre psicanálise e arte* (2017), autor dos livros de poesia *O Sonho da vírgula* (2015), *Homenagem à nuvem* (2017) e *Glossário do Inconsciente*, e do infantil *A careca do galo* (2018). Realizou produções musicais diversas e participou, enquanto tradutor, das publicações de *Poemas Árticos* (2018), do poeta chileno Vicente Huidobro, *Sonhos, melodias e sintomas* (2019), de Sándor Ferenczi e *Sonho e mito: um estudo sobre a psicologia dos povos* (2020), de Karl Abraham e *O que significa estar vivo: explorações psicanalíticas*, de Thomas H. Ogden (2026). É diretor da Série Ferenczi – Traduções do original e diretor da Série Escrita Psicanalítica, que, dentre ensaios psicanalíticos contemporâneos, conta com traduções do alemão de Sándor Ferenczi, Karl Abraham, Lou-Andreas Salomé, Sabina Spielrein, Otto Gross, Ernst Simmel e Margarete Hilferding. Também é fundador e editor da Artes & Ecos, editora especializada na publicação de poesia e ensaios de arte e psicanálise.

mente publicado em língua inglesa em 1994, justamente por se tratar de um texto produzido em maior proximidade histórica com o momento em que a obra foi escrita e recebida, oferecendo assim um olhar mais atravessado pelo contexto original de sua produção — algo que, supomos, produz uma leitura distinta daquela que poderia surgir de um prefácio escrito hoje, mais de três décadas depois do texto original.

NOTAS SOBRE A TRADUÇÃO

Claudia Berliner¹

Para os termos já consagrados em psicanálise, o *Vocabulário de Laplanche e Pontalis* serviu como base para a uniformização.

Muitos neologismos criados pelo autor exigiram um estudo cuidadoso, procurando preservar a riqueza conotativa do termo e ao mesmo tempo respeitar ao máximo a estrutura da palavra criada. Para isso, contei com a inestimável colaboração dos psicanalistas *Eliana Rache* e *Nelson Montag*.

Partindo do pressuposto de que não é possível encontrar, entre línguas, correspondências exatas, o tradutor vê-se insatado e convidado a fazer escolhas.

Exponho a seguir um glossário preparado para esta edição.

1 **Claudia Berliner** é psicanalista e tradutora. Graduada em Ciências Sociais pela USP e Psicologia pela PUC-SP, traduz do francês, espanhol e inglês para o português obras de autores do campo psicanalítico e das ciências humanas em geral. Já traduziu obras de Lacan, Masotta, Godino Cabas, Dolto, Green, Fédida, Aulagnier, Pontalis, Pichon-Rivière, Vigotski, Merleau-Ponty, Bergson, Ricoeur, Voltaire, Nasio, Roudinesco, Cassin, Badiou, Altounian, entre outros, bem como vários artigos em revistas de psicanálise. É a responsável pela revisão técnica de obras de Ferenczi, Foucault, Winnicott, Dolto, Reich, McDougall, Laplanche, entre outros.

Glossário

I-ness	eu-dade
experiencing I-ness	eu que experiencia
experiential I	eu da experiência
interpreting subject	sujeito que interpreta
experiencing subject	sujeito que experiencia
oneness	unicidade
twoness	dualidade
thirdness	terceiridade
threeness	trindade
fourness	quatridade
otherness	outridade
me-ness	mim-dade
at one ment	estar-em-um
separateness	estar separado

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA*

L. Bryce Boyer¹

*Prefácio escrito originalmente para a primeira edição de *Os sujeitos da psicanálise* publicada em português, pela Casa do Psicólogo, em 1996.

É pertinente que OS SUJEITOS DA PSICANÁLISE seja traduzido e publicado no Brasil antes que em qualquer outro país da América Latina. Visitei e trabalhei com bastante frequência em associações psicanalíticas latino-americanas durante os últimos quarenta anos. Considero os psicanalistas brasileiros em geral mais rigorosos do que os das outras nações latino-americanas na sua pesquisa das implicações das contribuições pioneiras de Melanie Klein e seus seguidores.

1 L. Bryce Boyer (1916-2000) foi um médico e psicanalista norte-americano. Doutor em Medicina (M.D.) pela Stanford University (1942), atuou como analista didata e supervisor no *Psychoanalytic Institute of Northern California* e no *San Francisco Institute for Psychoanalytic Psychotherapy and Psychoanalysis*. Foi codiretor do *Center for the Advanced Study of Psychoses*, em São Francisco, além de diretor do *Boyer Research Institute*, em Berkeley, instituição que inspirou a criação da *Boyer House Foundation*. É autor dos livros *The Regressed Patient* (1983) e *Countertransference and Regression* (1999), ambos focados no manejo da contratransferência com pacientes graves, além de coautor de *Psychoanalysis and Character Disorders* (1989), publicado em parceria com Peter L. Giovacchini. É o idealizador e coorganizador da série de volumes *The Psychoanalytic Study of Society* (anteriormente *Psychoanalysis and the Social Sciences*), que ao longo de décadas reuniu ensaios sobre a intersecção entre a psicanálise, a antropologia e a cultura. Realizou extensas pesquisas de campo de caráter etno-psicanalítico, dedicando-se ao estudo dos mitos, do xamanismo e da estrutura de personalidade dos povos Apache Chiricahua e Mescalero, cujos resultados foram compilados no clássico *Childhood and Folklore: A Psychoanalytic Study of Apache Personality* (1979). Ao longo de sua carreira, participou ativamente do conselho editorial de importantes periódicos internacionais.

1 Tornar-se um sujeito

Tarde demais para voltar atrás. Depois de ter lido as palavras iniciais deste livro você já começou a entrar na perturbadora experiência de se ver transformado num sujeito que você ainda não conhece, mas mesmo assim reconhece. O leitor deste livro precisa criar uma voz com a qual falar (pensar) as palavras (pensamentos) nele contidas. Ler não é uma simples questão de examinar, ponderar ou até pôr à prova as ideias e experiências apresentadas pelo escritor. Ler implica uma forma de encontro muito mais íntima. Você, o leitor, precisa permitir que eu o ocupe — seus pensamentos, sua mente, já que não tenho outra voz para falar a não ser a sua. Se você pretende ler este livro, dar-se-á o direito de pensar meus pensamentos, enquanto que eu preciso permitir tornar-me seus pensamentos; assim nenhum de nós será capaz de reivindicar o pensamento como sua criação exclusiva.

A conjugação de minhas palavras e sua voz mental não representa uma forma de ventriloquia. Um evento humano muito mais complexo e interessante está em jogo. Um terceiro sujeito é criado na experiência de ler. Sujeito este não redutível ao escritor nem ao leitor. A criação de um terceiro sujeito (que existe em tensão com o escritor e o leitor como sujeitos separados) é a essência da experiência de ler, e, como será desenvolvido neste volume, é também o núcleo da experiência psicanalítica.

Ao escrever essas sentenças, escolho cada palavra e frase e falo comigo mesmo por meio da voz do leitor que eu criei na minha própria mente. É a alteridade do leitor (que imagino

2 O sujeito freudiano

Nos primeiros momentos da cena de abertura de *Hamlet*, escuta-se um som vindo da escuridão fora dos muros do palácio. O guarda indaga: “Quem está aí?” Como um acorde dissonante inicial de uma obra musical, a pergunta “Quem está aí?” reverbera sem resolução através de toda a obra. Poder-se-ia dizer que a mesma questão é o tema de abertura que continua sem resolução através da história da psicanálise. Partindo das observações de Freud e Breuer nos *Estudos sobre a histeria* (1893-1895), o tema da “cisão da consciência” (p. 12) e a questão da localização do sujeito dentro dessa “dupla consciência” têm reverberado durante todo este século de pensamento analítico.

Poder-se-ia supor que o uso limitado por parte de Freud dos termos *self* e sujeito seja uma questão semântica, na medida em que Freud usou o termo *Das Ich* (pobrementemente traduzido por *ego*) para se referir em parte ao sujeito que experiencia, ‘o eu’. Como discutiremos mais adiante, contudo, *Das Ich* não coincide com o sujeito, e, de fato, é precisamente na diferença entre ambos que se começa a poder discernir a criação de uma nova entidade conceitual: o sujeito psicanalítico.

Acredito que a concepção freudiana do sujeito ocupa um lugar central entre aqueles elementos irreduzíveis que definem uma compreensão psicanalítica do homem. Apesar dessa importância central, esse tema aparece preponderantemente de forma implícita nos escritos de Freud. (Como discutiremos, a concepção implícita de Freud a respeito do processo mediante o qual o sujeito se constitui é fundamentalmente

3 Para uma concepção intersubjetiva do sujeito: a contribuição kleiniana

O pensamento psicanalítico proveniente da escola inglesa contribuiu de vários modos significativos para a elaboração do conceito do sujeito dialeticamente constituído (e descentrado). Depois de ter discutido a concepção freudiana do sujeito no capítulo anterior, explorarei agora a contribuição kleiniana para esse projeto. O capítulo 4 discutirá a contribuição winnicottiana.

Três das mais importantes contribuições teóricas de Melanie Klein para o desenvolvimento de uma formulação analítica da subjetividade são (1) a concepção dialética de estrutura psíquica e desenvolvimento psicológico subjacente ao seu conceito de “posições”, (2) o descentramento dialético do sujeito no espaço psíquico, e (3) a noção da dialética da intersubjetividade que está implícita no conceito de identificação projetiva. A atenção de Klein não estava voltada para a questão teórica da natureza da subjetividade, e, em consequência, nós, na qualidade de intérpretes de sua obra, podemos estar melhor situados do que a própria autora para compreender o lugar de seu pensamento no desenvolvimento da concepção psicanalítica do sujeito.

4 O sujeito intersubjetivo de Winnicott

A obra de Winnicott representa um importante avanço no desenvolvimento da concepção psicanalítica do sujeito. As dialéticas implícitas de Freud e Klein se tornam os fundamentos dos esforços de Winnicott para conceituar, em termos analíticos, a experiência de estar vivo como sujeito. No centro do pensamento de Winnicott (1951, 1971a) está a noção de que o sujeito que vive, que experiencia, não existe nem na realidade nem na fantasia, mas num espaço potencial entre as duas. O sujeito winnicottiano não coincide, de início (e nunca coincide completamente), com a psique do indivíduo. A concepção de Winnicott da criação do sujeito num espaço entre o bebê e a mãe envolve vários tipos de tensões dialéticas de unidade e separação, de internalidade e externalidade, por meio das quais o sujeito é simultaneamente constituído e descentrado de si mesmo. Enfocarei quatro formas dessas dialéticas que se sobrepõem: (1) a dialética de estar-em-um e estar separado, da mãe e bebê na ‘preocupação materna primária’; (2) a dialética de reconhecimento/negação do bebê no papel especular da mãe; (3) a dialética de criação/descoberta do objeto na relação com o objeto transicional; e (4) a dialética da destruição criativa da mãe no ‘uso do objeto’. Cada uma dessas dialéticas representa uma faceta diferente da interdependência entre subjetividade e intersubjetividade.

5 O terceiro analítico: trabalhando com fatos clínicos intersubjetivos¹

And he is not likely to know what is to be done unless he lives in what is not merely the present, but the present moment of the past, unless he is conscious, not of what is dead, but of what is already living.

T. S. ELIOT, *Tradition and Individual Talent*, 1919²

Em razão da comemoração do septuagésimo-quinto aniversário da fundação de *The International Journal of Psycho-Analysis*, procurarei tratar de um aspecto do que entendo por “momento presente do passado” da psicanálise. Acredito que uma importante faceta desse momento presente para a psicanálise é o desenvolvimento de uma conceituação analítica da natureza da inter-relação entre subjetividade e intersubjetividade no *setting* analítico, e a exploração das implicações técnicas decorrentes destes desenvolvimentos conceituais.

Neste capítulo apresentarei material clínico de duas análises, num esforço para ilustrar algumas das maneiras pelas quais uma compreensão da inter-relação entre subjetividade e intersubjetividade influencia a prática da psicanálise e a maneira pela qual a teoria clínica é produzida. Considero o movimento dialético de subjetividade e intersubjetividade

1 Este capítulo foi escrito a convite dos editores de *The International Journal of Psycho-Analysis* para ser incluído no número do *Journal* comemorativo do septuagésimo-quinto aniversário da fundação do *International Journal* por Sigmund Freud e Ernest Jones, em 1920.

2 N.T.: *E ele não poderá vir a saber o que fazer a não ser que viva no que não é meramente o presente, mas o momento presente do passado, a não ser que esteja consciente, não do que está morto, mas do que já está vivo.*

6 Identificação projetiva e o terceiro subjogador

Continuamos no processo de descobrir o que ‘significa’ identificação projetiva, não que a Sra. Klein quisesse dizer tudo isso em 1946, conscientemente ou não.

DONALD MELTZER, 1978, p. 39

Neste capítulo, apresentarei algumas reflexões sobre o processo da identificação projetiva como uma forma de terceiridade intersubjetiva. Descreverei, em particular, a inter-relação de subjugação mútua e reconhecimento mútuo, que considero fundamental para esse evento psicológico-interpessoal.

Na obra de Klein (1946, 1955), a identificação projetiva era apenas implicitamente um conceito psicológico-interpessoal. Contudo, o conceito, conforme foi desenvolvido por Bion (1952, 1962a) e H. Rosenfeld (1952, 1971, 1987), e mais tarde enriquecido por Grotstein (1981), Joseph (1987), Kernberg (1987), Meltzer (1966), Ogden (1979), O’Shaughnessy (1983), Segal (1981) e outros, assumiu um conjunto cada vez mais complexo de significados intersubjetivos e de aplicações clínicas. A compreensão da identificação projetiva que proporei está fundamentada numa concepção da psicanálise como um processo no qual uma série de formas de “terceiridade” intersubjetiva são produzidas e se mantêm em tensão dialética com o analista e o analisando, como entidades psicológicas separadas. Na identificação projetiva, gera-se uma

7 O conceito de ação interpretativa

*We say ourselves in syllables that rise
From the floor,
Saying ourselves in speech
we do not speak.*

WALLACE STEVENS, 'The Creations of Sound', 1947¹

Na etapa atual do desenvolvimento do pensamento psicanalítico está estabelecido que a ação (diferente da simbolização verbal) constitui um meio importante pelo qual o analisando comunica significados inconscientes específicos ao analista, por exemplo, por intermédio das ações que intervêm nas identificações projetivas (Ogden, 1982a, H. Rosenfeld 1971), nas respostas emocionais ("role responsiveness" (Sandler, 1976), na "evocação por procuração" (Wangh, 1962), nas "ações comunicativas" (*enactments*) (McLaughlin, 1991), etc. Contudo, o que não é muito reconhecido é que muitas das interpretações transferenciais mais críticas do analista são transmitidas ao analisando por meio das ações do analista. É esse aspecto do processo analítico, as 'ações interpretativas' do analista, que é focado neste capítulo.

Entendo por 'ação interpretativa' (ou 'interpretação-em-ação') a comunicação que o analista faz ao analisando de sua compreensão de um aspecto da transferência-contratrans-

1 N.T.: Dizemos nós mesmos em sílabas que emergem/Do chão,/ Dizendo nós mesmos na fala/ não falamos.

8 Analisando a matriz da transferência-contratransferência

O analista precisa ter um modelo teórico com o qual possa conceituar não só a natureza das relações entre figuras transferenciais que ocupam a cena analítica, como também a matriz (ou estado vivencial básico) dentro da qual a transferência-contratransferência está sendo produzida.

Nos últimos quarenta anos, tem-se apreciado cada vez mais a importância do contexto analítico, não simplesmente como enquadre para a contenção do processo analítico, mas como uma dimensão que suporta a transferência-contratransferência. Melanie Klein (1952b), por exemplo, enfatizou que “é essencial pensar em termos de *situações totais* transferidas do passado para o presente, bem como em termos de emoções, defesas e relações de objeto” (p. 55). Betty Joseph (1985) elaborou mais esta ideia: “Por definição, a transferência deve incluir tudo que o paciente traz para a relação. O que ele traz pode ser melhor avaliado se concentrarmos nossa atenção no que está acontecendo na relação, como ele está usando o analista, junto e para além do que está dizendo” (p. 447).

A concepção de Winnicott (1949, 1958a, 1963) da “mãe-ambiente” realçou a concepção analítica da “matriz da transferência” (1958a, p. 33). O bebê não só se relaciona com a mãe como objeto, mas também, desde o início, tem uma relação com a mãe como ambiente. Consequentemente, na transferência não se trata apenas de transferir a experiência

9 Isolamento pessoal: o colapso da subjetividade e da intersubjetividade

It remains to learn in what delicate, exquisite region of Being we shall encounter that Being which is its own Nothingness¹.

JEAN-PAUL SARTRE, *Being and Nothingness*

Durante a última década, cheguei a considerar o conceito de isolamento pessoal como central para uma compreensão do desenvolvimento humano. Minha própria concepção de isolamento pessoal está baseada em ideias derivadas do estudo psicanalítico de fenômenos autistas, assim como da concepção de Winnicott do isolamento como uma condição necessária para a saúde psicológica.

A obra de Winnicott será tomada como ponto de partida para a compreensão do isolamento pessoal como uma faceta essencial da experiência de estar vivo. Tentarei, em seguida, descrever uma forma primitiva de isolamento que implica a desconexão do indivíduo, não só em relação à mãe como objeto, mas também ao próprio tecido da matriz interpessoal humana.

A ideia de que haja um aspecto da experiência no qual o indivíduo precisa estar insulado de estar no mundo tem sua origem no conceito de Freud (1920) de para-excitações (*Reinzschutz*). Freud acreditava que a preservação do organismo dependia tanto da capacidade de não perceber, quanto da capacidade de registrar estímulos internos e externos:

1 N.T.: 'Resta saber em que região delicada e esquisita do Ser encontraremos o Ser que é seu próprio Nada'.

10 Questões de teoria e prática analíticas

Neste capítulo, uma série de perguntas formuladas pelo Dr. Stephen Mitchell, editor de *Psychoanalytic dialogues: A journal of relational perspectives*, fornece a estrutura para a consideração de um amplo espectro de temas analíticos relativos à metapsicologia analítica, à teoria clínica, à teoria do desenvolvimento e à técnica analítica. Cada uma dessas perguntas e respostas se refere a diferentes aspectos da teoria e da prática psicanalíticas que são fundamentais para a concepção do processo psicanalítico desenvolvida neste livro e para o trabalho que conduziu a ele. (Agradeço ao Dr. Mitchell pela atenção e pela criatividade refletidas em suas perguntas.)

Prática e técnica

Mitchell: Na sua descrição da primeira entrevista analítica (Ogden, 1989a), o senhor enfatizou a importância de o analista apreender e se dirigir às angústias e pavores do paciente. Essa ideia parece bastante diferente da ideia de que é necessário criar um sentimento de esperança nas entrevistas preliminares e da concepção de que o paciente está fundamentalmente procurando um ‘novo começo’. Como o senhor pensa a relação entre esperança e pavor nas fases iniciais da análise?

Ogden: Minha experiência constante tem sido de que o que permite ao paciente se sentir mais esperançoso quanto a uma perspectiva de mudança psicológica na análise é a experiência de ser compreendido tanto na esfera consciente quanto inconsciente. Na entrevista inicial, propiciar essa experiência nem sempre significa oferecer uma interpretação ao paciente, já que, muitas vezes, compreender o paciente



www.arteseecos.com.br

Este livro foi composto em ARNHEM em JULHO de 2026.